

SIMPÓSIO AT096

ESTUDO PRONOMINAL NOS TEXTOS DOS JORNAIS MAMANGUAPENSES A COMARCA E O ARAUTO

FARIAS, Maely Silva de
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
maelyfarias@gmail.com

NICOLAU, Roseane Batista Feitosa
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
rosenicolau.ufpb@gmail.com

Resumo: Este trabalho é uma expansão da pesquisa desenvolvida no projeto de Iniciação Científica (PIBIC 2017/2018) da UFPB, *Campus IV*, intitulado *Para a História do Português do Vale de Mamanguape Paraibano* que objetiva historiar o português brasileiro, a partir de textos de jornais que circularam nos séculos XIX e XX no litoral paraibano. No tocante a este trabalho, objetivamos observar o comportamento dos pronomes pessoais, no que diz respeito à colocação pronominal e uso dos pronomes, em gêneros presentes nos jornais *A Comarca* e *O Arauto* do município de Mamanguape-PB, identificando a recorrência da variação desses fenômenos citados, bem como quais, dentre esses gêneros, mais se amparam na gramática de modelo lusitano. Tivemos com suporte teórico para a realização desse trabalho as contribuições da Sociolinguística por meio dos estudos de Mollica & Braga (2003); Tarallo (2007); e Coelho et al. (2015). Além disso, faz parte do nosso trabalho discussões teóricas que versam sobre a perspectiva da nossa análise sobre o comportamento dos pronomes, a exemplo de Lopes (2013). Mediante um estudo analítico-descritivo, vislumbramos o fenômeno da colocação pronominal, para entendermos o português brasileiro da região do Vale do Mamanguape Paraibano nos textos impressos dos séculos XIX e XX, compreendendo o processo de mudança da língua portuguesa no Brasil, uma vez que qualquer língua é passível de variação e mudança.

Palavras-chave: História do português; Pronomes; Abordagem comparativa entre PB e PE.

Abstract: This work is an expansion of the research developed in the project of Scientific Initiation (PIBIC 2017/2018) of the UFPB, *Campus IV*, titled *Para a História do Português do Vale de Mamanguape Paraibano* that aims to historicize the Brazilian Portuguese, from texts of newspapers that circulated in the 19th and 20th centuries on the coast of Paraíba. In this work, we aimed to observe the behavior of the personal pronouns, with respect to the pronominal placement and use of the pronouns, in genres present in the newspapers *A Comarca* and *O Arauto* of the municipality of Mamanguape-PB, identifying the recurrence of the variation of these phenomena cited,

as well as which, among these genres, more support in the grammar of Lusitanian model. We had such as theoretical support for the realization of this work, the contributions of the Sociolinguistics through the studies of Mollica & Braga (2003); Tarallo (2007); and Coelho et al. (2015). In addition, it is part of our work theoretical discussions that assess the perspective of our analysis of the behavior of pronouns, like Lopes (2013). Through an analytical-descriptive study, we begin to glimpse the phenomena of pronominal placement in order, to understand the Brazilian Portuguese from region of the Vale do Mamanguape in Paraíba in the printed texts of the 19th and 20th centuries, including the process of change of the Portuguese Language in Brazil, since any language is subject to variation and change.

Keywords: History of Portuguese Language; Pronouns; Comparative approach between BP and EP.

Introdução

A língua portuguesa do nosso país é resultado da confluência entre as línguas que já existiam no território brasileiro, no caso as línguas indígenas, mas também das línguas trazidas pelo povo lusitano e africano. Com a vinda da Corte Portuguesa, durante o Brasil Colônia e por meio de ações constitucionais, determinadas pelo Marquês de Pombal, a língua portuguesa se tornou a língua oficial e mais falada e escrita no contexto brasileiro. Entretanto, mudanças históricas interfeririam diretamente na sua constituição, causando diferenças significativas entre a língua portuguesa europeia e a língua portuguesa brasileira.

Diante desta constatação, por meio do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) *Para a História do Português do Vale do Mamanguape Paraibano*, (2017 a 2018) objetivamos historiar o português brasileiro a partir dos textos que circulavam nos jornais da época e, neste trabalho precisamente, observar o comportamento dos pronomes pessoais nos jornais brasileiros que circulam na Paraíba no Vale de Mamanguape, *A Comarca* e *O Arauto*, que circularam no século XIX e XX, no que diz respeito à colocação pronominal.

Tivemos com suporte teórico para a realização desse trabalho as contribuições da Sociolinguística (MOLLICA & BRAGA, 2003; TARALLO, 2007; COELHO et al., 2015) e dentro de perspectiva da nossa análise sobre o comportamento dos pronomes, Lopes (2013).

1. A Sociolinguística: caminho para a realização da análise

Uma das características definidoras das línguas naturais é a variação e a mudança, isso significa que a língua é um organismo vivo e, portanto, meleável, ou seja, se transmuta com o decorrer do tempo. O “caos” linguístico, como denomina Tarallo (2007) é possível de ser entendido mesmo diante de uma comunidade heterogênea e plural. Por meio dos estudos da Sociolinguística, entende-se que a língua é um sistema heterogêneo e não pode estar dissociado do enunciador e do contexto sócio-histórico.

Desta forma, as variações que convivem num mesmo espaço social não podem ser sinônimo de marginalização ou irrelevância (COELHO et al., 2015), visto que, é justamente por meio desses fenômenos que compreendemos como está sendo constituída a língua. As variações ampliam o léxico, as possibilidades de uso e são carregadas de significado social.

Para entendermos a constituição do português do Brasil, ao longo do tempo, é importante revisitarmos os textos escritos nos séculos anteriores e assim, verificarmos como foi se constituindo a nossa língua e percebermos as diferenças e as proximidades com o português lusitano; para tanto, nos servimos dos jornais, textos autênticos de épocas passadas, que mostram a constituição e a formação do português brasileiro.

2. Os Jornais mamanguapenses *A Comarca* e *O Arauto*

O primeiro jornal do Vale do Mamanguape paraibano foi *O Mamanguapense*, no ano de 1863; entretanto, foi nos anos de 1890 em diante, que circularam, nesta localidade, vários jornais, dentre eles: *A Comarca* e *O Arauto*, os quais se tornaram marcos para a sociedade, divulgando aspectos locais, nacionais e até internacionais; bem como disseminando, a leitura e a cultura local. Por meio desses dois últimos jornais, foi possível realizar o presente trabalho, buscando compreender aspectos relacionados ao uso da Língua Portuguesa no Brasil, como uma língua nacional; bem como realizar um

estudo comparativo entre a língua portuguesa de Portugal e do Brasil, ou seja historiar o português, observando, precisamente, o uso dos pronomes nos gêneros presentes nos jornais *A Comarca* e *O Arauto* do município de Mamanguape-PB.

Os textos selecionados foram coletados por meio do site *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba no século XIX* (In: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/acervo.html>), dentre os textos que coletamos, selecionamos para esta análise, dois editoriais: um do jornal *A Comarca*, datado de 15 de novembro de 1890; e, o outro, do jornal *O Arauto* do dia 15 de agosto de 1902.

3. Análise do comportamento dos pronomes nos gêneros textuais presentes nos jornais *A Comarca* e *O Arauto*

Jornal *A Comarca*

Editorial – 15.11.1890

Título: 15 de novembro

15 de Novembro || No conceito dos que só | rendem homenagem | ás revoluções quando | estas se manifestam á ru-|bra luz da conflagração, | entre as arrebatas hos-|tes de uma guerra civil, | com a hecatombe dos Gi-|rondianos ou com o bom-|bardeamento de Buenos-| Ayres, a data que hoje com[[m]]emoramos, não po-|de figurar ent[]e os gran-|des dias nacionais que | po[ilegível] a historia de | um povo, assignalando o | seu passado glorioso. || A ausencia, porém, d'es-|tes tons épicos, longe de | attenuar o merecimento da| jornada que, o anno pas-|sado, nos transformou ra-|dicalmente as instituições, | empresta-lhe, em nossa| humilde opinião, as côres|[ilegível] e as suaves nuan-|ças d'essa [ilegível]da atmos-|phera de paz e de progres-|so, que a[ilegível]vemos no ho-|riso[]e de epocas não mui|remotas, quando toda or-|dem social es[ilegível]ribar-se no| d[]reito, soberano e pleno, | o mesmo nas relações pu-|blicas e privadas en[]re os | cidadão de um paiz e en-|tre as[ilegível]nacionais.|| Mas o pessimismo ino-|culado no espirito brazi-|leiro – consequencia ine-|vitável de uma longa mys-|tificação das aspirações| nacionais pela deslealdade| e fraqueza das duas par-|ciliades politicas do Im-|perio, [ilegível] de vagas ap-|prehensões e[ilegível]aternas tin-|tas esc[ilegível]ras de uma criti-|ca apaixonada e injusta,| cobre d'essa nevoa de des-|crença, em que nos praz| [ilegível]odorrar, o grande feito| pátrio, que tanta reper-|cussão teve no estrangei-|ro, invejosos dos raros dons| que exornam a nossa in-|dole pacifica, o nosso cal-|mo progredir sem as gra-|ves perturbações que n'es-|te critico momento da His-|toria com[[m]]ocionam as| outras nações civilizadas.|| Exorcismemos, porém, | o gênio mau que nos de-|turpa aos nossos proprios| olhos os melhores títulos| que temos para a

dignifi-|cação da pátria, e creiamos| em nossas forças, presti-|giando o que até hoje so-|mos os primeiros á depri-|mir, com grande [ilegível]-|cio do nome brasileiro.||Abstraiamos das indi-|vidualidades o facto, e| prestemos á 15 de Novem-|bro o que nos impõe o pa-|triotismo. || CASTRO PINTO ||

O texto “15 de Novembro”, aqui transcrito conforme as normas de transcrição apresentadas por Guedes e Berlinck (2015), foi redigido por um dos criadores do jornal, Castro Pinto. Neste texto tematiza-se a celebração do aniversário da Proclamação da República Brasileira, assunto que ocupou boa parte do folheto, no dia 15 de Novembro de 1890, o qual continha, na capa, a expressão *Homenagem ao 15 de Novembro*.

Por meio deste texto é possível observar o português escrito na época, como, por exemplo o uso do apóstrofo antes de pronomes, referindo-se a uma contração de vocábulos: *d’estes*; *d’essa* (ocorre duas vezes) e em *n’este*, como também o comportamento dos pronomes, nosso objeto de análise.

No início do editorial, observa-se a colocação do pronome *se* em “*se manifestam*” na posição próclise, e nos seguintes usos *nos* em “*nos transformou*”; “*nos praz*” destoando, dessa maneira, do português de Portugal e das normas presentes nas gramáticas vigentes na época. Este é uma das marcas da diferença fonológica da oralidade entre o português brasileiro e o português de Portugal que foi para o texto escrito, ou seja, optou-se pelo uso de pronomes em próclise, caracterizando em uma distinção no uso do português entre os dois países.

De acordo com Coelho et al. (2014, p. 118), mudanças linguísticas juntamente com fatores históricos ampliaram a diferença linguística entre o Brasil e Portugal que se “robusteceu ao longo do século XIX”. Conforme os autores citados, no período de circulação desses periódicos, gramáticas já noticiavam as distinções observáveis entre o PB e o PE, dentre elas: *Noções de grammatica portuguesa*, de Pacheco da Silva Júnior e Lameira de Andrade (1887) e *Serões grammicaes*, de Carneiro Ribeiro, que conjuntamente afirmavam que o português no Brasil apresentava modos de dizer específicos e destacam entre os ‘brasileirismos’ sintáticos, a colocação pronominal. Dessa forma, percebemos que os gramáticos reconheciam as diferenças entre o português de Portugal e do Brasil, contudo criticavam esse uso, deixavam claro

que deveria ser ensinado o falar e o escrever corretamente, seguindo modelos oferecidos pelos bons escritores através dos séculos.

No que diz respeito à colocação do pronome *lhe*, há apenas a utilização em ênclise no texto em análise: “*empresta-lhe*”, ou seja, alguns pronomes mostram-se menos afeitos à mudança. Vejamos, agora, outro texto, o editorial do jornal o *Arauto*.

Jornal O Arauto

Editorial 15.08.1902

Título: O Arauto

O ARAUTO|| O illustre chronista, que com as| iniciaes C. M. assigna as chronique-|tas, que se tem publicado n'este pe-|riodico, na ultima d'ellas tomou por| objecto o nosso edictorial de 18 do| mez passado, e ella emittiu al-|guns conceitos que não se deduzem,| de forma bem alguma, do quanto expen-|demos.|| E' assim que, diz elle, nós somos|| de opinião que se deve ministrar| o ensino religioso nas aulas primari-|as, e, para fundamentar seu modo de| entender, copia do edictorial dito es-|tas palavras: “um povo sem religião| é um povo sem Deus e onde não ha| Deus não ha estabilidade em coisa| alguma”, e mais: “Com effeito, re-|conhecida a necessidade do ensino re-|ligioso, surge a difficuldade de saber| qual a religião que lhe tem de ser-|vir de base”.|| Nós, porem, sobre este ponto não| demos opinião, porquanto, depois de ha-|vermos dito que um povo sem Deus, immediata-|mente em seguida accrescentámos:| “Estas idéas são verdadeiras, mas| não resolvem a questão”. Logo, fica-|va sem solução, de nossa parte.|| O segundo trecho do edictorial,| citado pelo illustre chronista e que| reproduzimos tambem, não prova o| contrario do que ora affirmamos, por-| que ali figuramos somente uma hy-|pothese, isto é, a de ser reconhecida| afinal a necessidade do ensino religio-|so nos nossos intuitos primarios, e| então manifestamos o mesmo ensino, por-|que o Brazil, como nação, como enti-|dade política, não tem religião, não| se podendo, portanto, dar preferencia| a esta, ou áquella das muitas existen-|tes, para o ensino, sob pena de in-|surgirem-se os poderes publicos contra| a constituição de 24 de fevereiro;| em mais de um ponto, dissemos nós.|| E na verdade, do art. 7, § § 6.º |e 7.º da carta constitucional se vê| que está separado o Estado da Igreja| e que deve ser leigo o ensino minis-|trado nos estabelecimentos publicos.|| A difficuldade e quiçá impossibi-|lidade do ensino religioso nas esco-|las, em face d'aquelles preceitos, não| auctorisa, porem, a concluir-se que “em| materia religiosa já não possui o Bra-|zil o sentimento da convicção e da fé”.| O povo brasileiro, catholico em sua| grande maioria, acceita todos os dog-|mas e mysterios do catholicismo, e| observa os seus preceitos, crendo que| é a unica religião capaz de leval-o| ao goso da suprema bemaventurança.|| O que falta, algumas vezes, e o| pastor carinhoso e dedicado, zeloso e| intelligente que, nas parochias, escla-|reça o espirito d'aquelles que não têm | o verdadeiro conhecimento, a compre-|hensão nítida da religião catholica.|| Fica assim explicado o nosso pen-|samento e agradecemos ao constante| collaborador o ensejo que nos forne-|ceu de assim fazel-o.||

Continuando a análise no aspecto da colocação pronominal, há no editorial do jornal *O Arauto*, ocorrências dos pronomes em próclise e em ênclise, sendo mais recorrente o uso da próclise: *se deduzem*; *se deve*; *se podendo* e *se vê*, já em ênclise há apenas dois verbos: *insurgirem-se* e *concluir-se*. Por meio dessa percepção é possível atestar a preterição do redator em utilizar o pronome *se* antes do verbo, divergindo, dessa maneira daquilo que era comum no português europeu. Destacamos que esse jornal circulou 12 anos após *A Comarca*, demonstrando a continuação desse uso dos pronomes na posição próclise, de forma mais presente.

Pagotto (1992, p. 3) afirma que a “a posição dos clíticos pronominais assinala uma das radicais diferenças entre o PB e o PE”. O mesmo autor demonstra que, desde o século XVI, essa variação linguística já distanciava o Português Europeu do Português Brasileiro; e isso, pode ser confirmado, nos jornais dos séculos XIX e XX, sendo um dos elementos, conforme Lopes (2013), a marcar da diferença entre o português do Brasil e do Europeu.

Considerações Finais

Diante das nossas breves análises foi possível perceber que mesmo nos textos mais formais, como os editoriais, não havia uma preterição por regras instituídas em gramáticas vigentes nos século XIX e início do século XX. Podemos afirmar, portanto, que já havia uma afirmação identitária da língua portuguesa brasileira na colocação dos pronomes.

Destacamos que este estudo corrobora para o fortalecimento do nosso conhecimento de que as línguas variam e se constituem com suas singularidades. Ademais, por meio desse estudo foi possível entender o quanto a circulação de um jornal é relevante para um espaço social e formação e afirmação de uma língua. Neste veículo, conhecemos o contexto sócio-histórico de um povo e reconhecemos nossa língua, o português brasileiro.

Referências

CARDOZO, R. W.; OTHERO, G. de Ávila. **A ordem do pronominal em português brasileiro: da ênclise à próclise, do clítico ao tônico (Or there and back again, a word order's Holiday).** *Fórum Linguístico.*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 1737-1734, jan./mar. 2017.

CARNEIRO RIBEIRO, Ernesto. **Serões Gramaticais.** Bahia: Livraria Catilina. 1890.

COELHO, I. L. et al. **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, Olga F.; DANNA, Stela Maris D. G.; POLACHINI, Bruna S. **O português do Brasil em gramáticas brasileiras do século XIX.** Rio de Janeiro. n. 46, janeiro/junho, 2014.

Guedes M. ; Berlinck. R. **E o preços eram commodos....**São Paulo: Humanitas, 2000.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Pronomes pessoais. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 103-119.

MOLLICA, M. C & BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2003.

PACHECO DA SILVA JÚNIOR, Manuel e LAMEIRA; A. **Grammatica da Língua Portuguesa para uso dos gymnasios, lyceus e escolas normaes.** Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo, 1887.

PAGOTTO, Emilio Goze. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico.** Campinas, 1992. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270508/1/Pagotto_EmilioGozze_M.pdf> Acesso em: 07 abr. 2019.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 8 ed. São Paulo: Ática, 2007.